

# ONDE FICA O LONGE?

ALBINO SANTOS



## ONDE FICA O LONGE?

A fantasia é a alma de portas abertas a todas as brisas, a todos os ventos. É uma luz inatingível na noite cerrada. É o sorriso de um gato ao sentir o afundar dos dedos na sua pelugem. É o encontro entre a alegria e o acaso. É a mais bela face do amor em todos quantos se empenham na sua busca. É adormecer um sonho na polpa dos lábios e senti-lo acordar dentro da boca. É aquilo que incessantemente se reinventa para prolongar o fascínio do voo.

Quando regresso ao mundo convulso a que pertenço, enleio-me nas ruas. Por uns caminhos que tomo acenam-me roseiras bravias que germinam no entulho. Abandono-me a decifrar as manchas que murmuram nos muros. Escondido nas sombras, há um gume diáfano a extirpar as horas sangrentas. Deixo-me envolver por tudo que constitui o universo onde tem origem a minha identidade e define a minha ligação ao mundo. Sinto-me longe de tudo, como se descesse a um vazio total onde assisto à apoteose do nada. Aqui, nem ecos, nem pegadas. Tudo é silencioso e deserto na rigorosa nudez que o tempo foi acumulando. Os seres e as coisas arfam por uma boca única e um olho ciclópico varre os olhares incautos, ébrios de tédio. Exausto, o dia tange a sua própria sombra. Contra o sol dissipado, palpita o teu vulto como jamais te conheci. Uma dádiva! Ferem-se-me os olhos e tenho-te como se não te visse. Deito-me na terra, sobre o musgo amargo e interrogo-me:

— Onde fica o longe?

“Anoitece.  
Procuro a tua voz  
entre a música das árvores”

Anoitece. Procuro a tua voz entre a música das árvores,  
como se houvesse uma linguagem só nossa  
para atravessar o tempo.  
Solto-me em todas as rotas dos meus ventos secretos  
e rasgo nos lábios um clandestino chamamento.  
Pelo lado mais denso das trevas,  
guardo a eclosão da luz no meu olhar,  
para descobrir onde se derrama a tua voz inaudível.

Deixo-te recados no alfabeto nocturno,  
mas uma profunda inquietude me domina,  
como se fosses um poema em delírio dentro de mim  
onde as palavras ardem como fogo,  
deixando uma língua de sede a dançar-me nos lábios.  
A tua voz já não te pertence mesmo quando calas.  
Anoiteceu... talvez uma estrela rompa o obscuro firmamento  
e me traga o eco da tua voz ausente.

“O som da noite é feito  
da tua ausência”

Hoje não há estrelas. A noite cai sobre mim, envolveu-me,  
como se estivesse ali à minha espera, sussurrando o teu  
nome. Minha alma, tão escura quanto a noite, misturou-se  
no breu e deixou-se acolher pela escuridão. Aqui, ouvindo a  
noite, recordando como tu bebias a madrugada com a tua  
sede, tudo se torna ainda mais negro. A solidão é como uma  
mulher que se oferece e se afasta, deixando o seu perfume.  
O perfume da fome, um desejo que nos aparece e enlaça,  
mas depressa se dilui na escuridão. Longe do brilho dos teus  
olhos, sinto a cegueira de um inseto. Com o olhar embaciado  
da insónia, o sono distante e já sem sonho, entro em casa à  
procura de uma réstia de luz. Tudo é silêncio. E o silêncio é  
negro, mais negro que o céu. Insetos muito pálidos bailam  
no meu olhar, enquanto a noite se precipita como o bafo de  
um corpo agonizante. O som da noite é feito da tua ausência.

“Invisíveis dedos  
burilam os contornos do horizonte”

Invisíveis dedos burilam os contornos do horizonte. A noite concentra-se para o esquecimento da luz. Penetra-a um som suave de incomparável quietude, como um crepúsculo de sonhadora placidez, música de água, eterna maresia, poema navegante de todas as marés.

O meu olhar febril grava em sua transparência cada letra, cada cor. Contudo, em vão me demoro a compreender este alfabeto para ousar ler os deslumbrantes recortes de um horizonte em êxtase. Num fugaz momento de palpitante ansiedade, vislumbro a mesma incomparável beleza que sempre se desvendou ante os meus olhos, como se a falésia fosse o teu corpo onde se precipita a luz onde me cego, sonhando o impossível na madrugada onde todo o sono se perde. Talvez eu encontre um caminho para o amanhecer, um patamar para a claridade, quando me deixar envolver pelos teus olhos fulgentes, de um brilho antigo, que a luz suspende num rosto de silêncio e de segredo, que o tempo tornou leve e perene.

“Sou um verso  
sem leito onde deitar-me”

Por trás da luz, há a luz da tua sombra, mas só posso vê-la de olhos abertos no sonho.

Abro os olhos. Adormeço contigo num sonho alado para melhor te sentir o toque no fascínio do voo, para que o beijo seja muito mais que beijo. Toco-te Bach pelo corpo, desenho-te Brahms com as mãos, mergulho no abismo da descoberta e por toda a parte irrompe um rio vermelho ardendo numa sede de reversos. O fluido torna-se linguagem, dessedenta a vida, encurta todas as distâncias em busca de um tempo que seja só nosso, que perdure para além do sonho como um noturno de Chopin.

A luz da tua sombra, cada vez maior se desenha no túnel secreto da minha solidão acesa até me trespassar o corpo. Abro os olhos e sonho. Sou um verso sem leito onde deitar-me. Serei aquele que nunca acordou no mundo, porque tudo o que acontece quando te sonho reconduz-me em linha reta à divindade. Talvez seja esse o longe onde tudo em mim acontece.





“Sinto-me imenso  
em tudo o que não tenho”

É esta vontade do sublime e do efémero que me incita nos percursos das noites carregadas de estranha sedução, como um labirinto para cultivar os nossos enganos. Foi assim que encontrei o brilho dos teus olhos acendendo o teu sorriso, como se, na intocável plenitude do silêncio, tivesse sido surpreendido pela vertigem de um sonho refulgente, que deixara para trás a serenidade de um sono profundo, para sentir o doce prazer que a luz do teu sorriso lhe causara.

Como uma pétala de sono te guardo. Tão impossível. Tão real.

Sinto-me imenso em tudo o que não tenho!

“Acordo com o poema  
a acender-se nos meus olhos”

Acordo. A noite foi apressadamente negra, propícia a todos os vendavais.

Amanheço num texto com a luz das sílabas a descerrar-me teimosamente as pálpebras.

Aflora-me nos lábios um gesto indiviso de murmúrio, como se uma sinistra festa estivesse a acontecer dentro de mim. Sinto-me um fantasma sem noite, procurando em vão uns lábios onde pousar a sede de um beijo sem destino. Repousar a inquietude nas tuas mãos cálidas e amanhecer no esplendor de um olhar pleno de desejo.

Percebi então que tem de haver ficção para tecer a realidade, quando o desejo cede a todos os fascínios.

Sigo o teu rasto pelo texto molhado que deixaste sobre a minha pele. Sorrio à solidão, porque em mim circulas no fogo que trago no sangue. Fecho os olhos, até que o movimento do tempo fique suspenso e tudo o que me rodeia tome a forma do teu corpo quando se espreguiça na cumplicidade do teu sorriso. O poema a acender-se nos meus olhos.

AMANHÃ,  
QUANDO ENCONTRAR O LONGE,  
VESTIR-ME-ÃO COM CINZAS AO AMANHECER,  
APRENDEREI A DORMIR NUM CORPO INALCANÇÁVEL,  
COMPREENDENDO, POR FIM, A ETERNIDADE DAS PALAVRAS.

